



VII EPPAC

ENCONTRO DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A PAN-AMAZÔNIA E CARIBE

TEMA: REFLEXÕES SOBRE UMA EPISTEME
AMAZÔNICA E CARIBENHA

Dias 16 e 17 de outubro de 2023

São Gabriel da Cachoeira-Am-Brasil

Realização



Grupo de Pesquisa
Questão Social
e Serviço Social

Diretório do CNPQ dos Grupos de Pesquisa no Brasil

www.eppac.com.br

O RITUAL BARÉ DA CUNHÃ MUKÚ COMO BASE DA FORÇA FEMININA INDÍGENA (CUNHÃ KIRIMBÁ).

Viviane Alberta Gonçalves de Souza¹
Marilene Corrêa da Silva Freitas²

RESUMO: O presente trabalho situa-se no campo de análise etnográfica que versa sobre o ritual de passagem da mulher Baré e suas relações cosmogônicas e cosmológicas. O objetivo da pesquisa é compreender os aspectos socioculturais presentes nesse saber tradicional, a partir da experiência vivida e das narrativas de mulheres Baré do Alto Rio Negro, que residem na área urbana de São Gabriel da Cachoeira. Como procedimento metodológico, recorreu-se à pesquisa de campo, onde foi utilizada a entrevista semiestruturada, com abordagem qualitativa, além da pesquisa bibliográfica. Concluiu-se que a ritualística feminina enquanto prática indígena, mesmo que não aconteça na comunidade indígena de origem da cunhã mukú, seus elementos de poder, força física e espiritual, permanecem preservados como base para a sua força feminina.

Palavras chave: Saberes Tradicionais. Grupo étnico Baré. Força feminina indígena.

ABSTRACT: The present work is located in the field of ethnographic analysis that deals with the Baré woman's rite of passage and her cosmogonic and cosmological relationships. The objective of the research is to understand the sociocultural aspects present in this traditional knowledge, based on the lived experience and narratives of Baré women from Alto Rio Negro, who reside in the urban area of São Gabriel da Cachoeira. As a methodological procedure, field research was used, where semi-structured interviews were used, with a qualitative approach, in addition to bibliographical research. It was concluded that feminine

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociedade Cultura da Amazônia. Pedagoga do IFAM/ Campus São Gabriel da Cachoeira. Email: souzheyam@gmail.com. CV: <http://lattes.cnpq.br/7402527769720565>

²Professora Titular da Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Sociedade Cultura da Amazônia. Email: marilenecorreas@uol.com.br. CV: <http://lattes.cnpq.br/4187449641949679>

rituals as an indigenous practice, even if it does not occur in the indigenous community of origin of the cunhã mukú, its elements of power, physical and spiritual strength, remain preserved as the basis for its feminine strength.

Keywords: Traditional Knowledge. Baré ethnic group. Indigenous feminine strength.

1. INTRODUÇÃO

A força feminina indígena Baré tem suas bases alicerçadas no ritual de passagem da cunhã mukú, um saber tradicional milenar, repassado pelos anciãos indígenas.

Entender a força do ritual da cunhã mukú Baré na cidade de São Gabriel da Cachoeira requer analisar alguns pontos comuns e as diferenças, pois algumas moças indígenas entrevistadas passaram pelo ritual em sua comunidade e outras, viveram essa experiência no contexto urbano (sede ou distrito).

O povo indígena Baré pertence à família linguística Aruak (juntamente com as etnias Baniwa, Kuripako, Werekena e Tariana) e dentre outras 22 etnias foi a contemplada nos estudos pela proximidade com o grupo étnico e pela experiência própria ao passar pelo ritual da cunhã mukú.

Em São Gabriel da Cachoeira são dezenove línguas indígenas faladas, das quais quatro co-oficializadas.³, além da língua portuguesa e do espanhol. O município se tornou referência sócio-cultural e linguística para a região e para o país.

A língua do povo Baré não recebe o nome da etnia. Os missionários, no período da catequização introduziram a língua geral ou nheengatu que foi adotada e até reconhecida pelo município como uma das línguas co - oficiais indígenas.

O intuito desse trabalho resume-se na abordagem sobre o ritual de passagem da Cunhã Mukú a partir das experiências vividas por mulheres Baré, da faixa etária entre 40 a 70 anos, de São Gabriel da Cachoeira. O ritual representa ou caracteriza a estrutura/base da força feminina indígena, nos aspectos sociocultural, físico, emocional e espiritual.

Nesse contexto, propõe-se apresentar o resultado das pesquisas de campo, a

³ Em 22 de novembro de 2002, a partir da aprovação da Lei Municipal 145, as línguas tradicionais Nheengatú, o Tukano e o Baniwa, faladas pela maioria dos habitantes do município, tornaram-se co-oficiais. E após um yanomami se tornar vereador, a língua Yanomami também foi co-oficializada.

partir das narrativas das cunhãs que vivem no contexto urbano, associado à experiência vivida no período da menarca como sujeito da pesquisa.

2. RITUAL DE PASSAGEM DA CUNHÃ MUKÚ (KAXIMÁFO): BASE DA FORÇA FEMININA (CUNHÃ KIRIMBÁ), UMA PREPARAÇÃO PARA A VIDA.

O saber tradicional Baré sempre esteve alicerçado na cosmovisão e cosmogonia, como os demais povos do alto rio Negro, embora o contato com a cultura ocidental tenha levado outros grupos indígenas a “duvidarem” de sua identidade étnica e não o conceberem como indígenas. Segundo Torres (2014, p.31) “Todo o edifício conceptual político-social, ético e moral dos povos indígenas está ancorado na oralidade das histórias passadas de geração a geração”.

O interesse em estudar o saber tradicional, que me levou às narrativas de mulheres Baré sobre o ritual de passagem da cunhã mukú para a fase adulta, ocorreu por vivenciar essa experiência na área de fronteira do Brasil com a Venezuela e Colômbia, junto às senhoras do Carará-poço (Bairro de Cucuí, distrito de São Gabriel da Cachoeira).

A própria origem do Baré remete à união de uma mulher Baré com um caríua⁴, segundo os antigos anciãos. A partir desse contexto, compreende-se que o Baré pode ser: quem tem descendência de não indígena, mas sua mãe é Baré; quem possui ancestralidade da mesma etnia; quem se auto declara Baré ou é reconhecido como membro desse povo. A aceitação vem das origens. O povo Baré é intercultural desde suas origens.

De acordo com Walsh (2001, p.10-11), a interculturalidade é, “Um intercâmbio que se constrói entre pessoas, conhecimentos, saberes e práticas culturalmente diferentes, buscando desenvolver um novo sentido entre elas na sua diferença(...)”

A relação de parentesco também reforça essa ligação com outros grupos indígenas e não indígenas. Assim, no meio social Baré existem os “parentes por consideração”, que se caracteriza quando uma pessoa não indígena desposa uma Baré

⁴ A tradução na língua Nheengatú homem branco.

ou quando nasceu e/ou cresceu no mesmo contexto. As pessoas desse convívio passam a ser consideradas como “parentes”, mesmo que não sejam parentes consanguíneos.

As bases da força feminina Baré, de seu emponderamento, são encontradas no ritual da cunhã mukú denominada Kaximáfo (primeira menstruação) e suas raízes estão na mitologia. No kaximáfo estão presentes as forças físicas, cognitivas/ mentais, espirituais, emocionais, e morais. Os cuidados físicos e espirituais preparam a mulher para a vida a partir de regras disciplinares Baré rígidas, que remetem à sua força e inserção social. Não resistir às provas, demonstra fraqueza física, emocional, etc.

É importante enfatizar que tanto a força feminina quanto a masculina, inicia desde o ventre da mãe. Ou seja, anterior à ritualística da Kunhã Mukú, cada povo indígena tem a sua forma de apresentá-los ao mundo físico e espiritual, com o seu nome tradicional, considerando o seu clã, a sua etnia, as suas origens mitológicas, à sua ancestralidade.

No kaximáfo, a cunhã mukú é apresentada ao Cosmos com o seu nome tradicional. Quando a criança não tem um nome Baré, o nome não - indígena (da certidão ou de batismo) é mencionado. Foi apresentada à natureza como “afilhada” de Baré, com o meu nome de batismo, sob recomendação local.

Na visão dos moradores, precisava de força espiritual oriunda de um dos santos católicos, já que apresentava problema de saúde. Santo Alberto, naquele contexto, era um dos santos de devoção dos Cucuíwara⁵, assim como Divino Espírito Santo, São Sebastião, Nossa Senhora e São Gregório Hernandez.

Após a minha mãe ter divulgado para as amigas a menarca, recebemos em nossa residência o “benzedor” durante o período de sete dias de saruã⁶, levado pela “madrinha”. Os seus materiais sagrados de proteção incluía cristal de quartzo, o porronca⁷, carvão, xicantá⁸ e chifre de boi⁹. A defumação visava proteger o meu corpo e

⁵ Representa o mesmo que nascido em Cucuí ou morador de Cucuí. Vem da palavra em Nheengatú ykewára.

⁶ Estado de vulnerabilidade, de fragilidade física e espiritual da mulher em relação aos seres invisíveis (encantados).

⁷ Nome do cigarro artesanal feito com a folha do tabaco, tawarí ou papel e tabaco.

⁸ Também chamado de breu branco ou sicantá (Protium heptaphyllum). Sua resina em estado sólido é utilizado como incenso natural na defumação ou nos chás para afastar os encantados.

preparar o ambiente contra as investidas de maíwa.

BARRETO corrobora com o conceito de maíwa, do povo Baré, quando define os waimahsã:

“humanos invisíveis” que habitam os domínios da terra, da floresta, do ar e da água; que possuem capacidade de metamorfose e de camuflagem, assumindo (vestindo a roupa) a forma de animais e de peixes e adquirindo suas características e habilidades físicas; como a fonte de conhecimento, aqueles com os quais os especialistas tukano (yai, kumu e baya) devem se comunicar e aprender, acessando com eles seus conhecimentos. Waimahsã são também seres que habitam em todos os espaços cósmicos, que são donos dos lugares e responsáveis pelos animais, pelos vegetais, pelos minerais e pela temperatura do mundo terrestre. Eles [waimahsã] só podem ser vistos por um especialista, isto é, yai ou kumu. Esses seres são, por fim, a própria extensão humana, devendo sua existência e reprodução ao fenômeno do devir, isto é, à continuidade da vida após a morte, sendo assim a origem e o destino dos humanos, seu início e seu fim.

Maíwa, majuba e encantados são conceitos Baré, que se referem aos seres invisíveis com características humanas, mas que na verdade podem ser cobras, botos, “cavalo – marinho”¹⁰, curupiras, etc. Os encantados estão presentes nos quatro elementos do planeta (terra, fogo, água e ar), na cosmogonia e cosmovisão indígena.

Descola (2016), neste aspecto, reforça que “do mesmo jeito que os índios da amazônia, os índios do Grande Norte canadense consideram a maioria dos animais como pessoas que possuem uma alma” (p.15-16). Em outras palavras, os povos originários consideram a fauna e flora como seres que têm alma, onde apenas a falta de linguagem distingue dos humanos, segundo o autor.

Os benzedores¹¹, sacácas (pajés) têm a visão desses espaços e podem acessá-los, interagir e intervir com os encantados quando necessário. Outras pessoas sensíveis também têm influência através de sonhos.

Na condição de ipuxí ikú¹² ou kaximáfo (primeira menstruação), o sacáca fez

⁹ Muito utilizado pelos sacácas por se tratar de um forte elemento no combate aos seres da natureza causadores de malefícios ao ser humano.

¹⁰ No rio Negro, é comum ouvir histórias sobre os cavalos d'água grandes, que emergem da cabeça até o pescoço à superfície, sempre na vertical. Eles não saltam como peixes.

¹¹ Nome mais comum atualmente, utilizado no contexto Baré ao Sacáca.

¹² Palavra em Nheengatú que significa estar menstruada ou doente.

a defumação, os benzimentos nos alimentos, nos objetos pessoais e escolares, pois a família toda também poderia ficar saruã e estaria sujeita às flechadas da majuba.

O fluxo menstrual era forte e isso representava uma ameaça para a minha vida, segundo o pajé. Por isso, solicitou a uma idosa Baré (parteira), que também o acompanhava, para preparar uma xícara de café do sumo da raiz da planta Maíwa, que me deixou um ano sem menstruar, evitando as influências dos espíritos que trazem doenças. Fui monitorada até os quinze anos, até que o meu corpo e espírito já estivessem aptos a enfrentar os espíritos.

A restrição alimentar consistia em não comer o peixe piranha, para não cortar o efeito da priprioça (raiz arredondada). Cunhãs mukú com fluxo forte tem tendência à hemorragia e são mais suscetíveis aos ataques dos encantados. Essa regra tem uma forte ligação com a mitologia de origem da mulher Baré. O peixe piranha e jacundá piranga originaram a vagina e a menstruação. O primeiro cortou e o segundo adentrou, causando sangramento.

A narrativa de Yacitára (53 anos) sintetiza o saber tradicional vinculado à mitologia de origem da vagina, além dos cuidados físicos e espirituais:

Minha mãe disse que eu não poderia tomar banho no rio. Ela cortou fraldas velhas em tiras para usar como absorvente. A partir daí não poderia comer piranha, peixe liso (surubim, piraíba, pirara, jacundá vermelho). Na etnia Baré, piranha corta a vagina em pedaços, por isso que aparece o clitóris e o jacundá entra, por isso que sangramos. (...) Mamãe me pediu para andar calçada, para os bichos não sentirem a gente. Os minhocões sentem e podem engravidar... (Yacitara, 53 anos)

Em suma, o anticoncepcional natural que tomei tinha um propósito físico e espiritual. O *sacáca* tinha o domínio sobre o uso da planta e de seu poder medicinal, da mitologia relacionada ao tipo de alimento (peixe piranha) que poderia interromper a amenorréia. Sua experiência em lidar com o corpo e o espírito vem de sua ancestralidade, de uma geração de pajé.

O pajé recomendou que eu não comesse certos alimentos e para tudo tinha uma explicação. Comer ovos acarreta odor do sangue que atrai os encantados; frutas ácidas aumentam o fluxo menstrual; peixe sem escama “liso” (surubim, piraíba,

surubim, peixe de igapó) causam infecção intestinal, manchas e feridas no corpo, na pele. Comidas frias são portais para atrair encantados e causam cólicas menstruais;

Não seguir às regras remete à vulnerabilidade junto aos seres da natureza, aos problemas de saúde, principalmente relacionados aos órgãos femininos. Cistos e miomas, na cultura Baré representam os filhos da Maíwa. Outras proibições envolvem adotar algumas posturas. Em casa, se tivesse apetrechos de pesca, estaria proibida de pegar em caniços (varas de pesca) para não transformar o pescador em panema¹³.

Os elementos básicos que compõem o ritual foram mantidos. Incluiu utilizar paninhos de algodão. A “pedagogia do paninho”¹⁴ objetiva ensinar a menina - moça a ser mais esperta, se tornar uma mulher limpa. Os indícios de mulher desleixada sinalizam uma de suas fraquezas.

O ato de cuidar do corpo, lavar roupas e realizar afazeres domésticos prepara a mulher para a vida, “panhem mã ukó umunhã” (saber fazer tudo). E quem não consegue surpreender na fase da menarca, terá problemas futuros, será cunhã ikiá (mulher suja). A cunhã mukú que se indispor a trabalhar, ficar dormindo e reclamando, será cunhã pitúa (mulher preguiçosa) e passará vergonha na vida.

A mãe ou as avós repassam as habilidades tradicionais que fazem parte de seu contexto familiar. PAGU (70 anos) lembrou que durante sete dias teve que fazer uma atividade diferente: costurar, cozinhar, lavar, limpar a casa, etc. Mencionou o tipo costurado pela sua mãe, neta de Baré.

Sobre a relação entre o ritual e a força feminina, Yaci (40 anos) frisou que “É a passagem da criança para a adolescente mulher. É a apresentação da moça para a sociedade após um rígido ensinamento sobre regras e comportamentos que ensina sobre as responsabilidades de moça e suas atitudes de mulher”.

Todas as cunhãs mukú entrevistadas reconhecem a força que o ritual proporciona. As “provas” que a cunhã mukú passa acompanhada de aconselhamento dos avós, pais e padrinhos propiciam a **força física e moral**, permitindo também

¹³ Têm dois significados: um que não pega muito peixe, muita caça e outro é que não é atrativo para as mulheres.

¹⁴ Refiro-me à educação indígena que é atribuída pela mãe e avó à cunhã muku, quando confeccionaram o que denominamos de paninho, um absorvente ecológico, que representa os cuidados físicos, emocionais e espirituais, a higiene, o respeito às regras disciplinares, a responsabilidade da mulher nessa nova fase.

adentrar no campo psicológico. YACÍ (55 anos) também retratou a sensação de medo e de responsabilidade ao receber os conselhos de sua genitora, pois a mesma dizia para não “brincar” com os meninos, pois poderia engravidar.

CEÇÁ PINIMA (43 anos) abordou as implicações da falta de resistência feminina no ritual, dizendo que tudo na vida da mulher não dá certo, quando a mesma não atende às exigências do ritual.

A força feminina passada no Kaximáfo independe da religião. CUNHÃ PIRANGA (moça vermelha), 46 anos, filha de evangélica, lembrou de seu ritual que foi uma exigência de seu pai Baré. O jejum ficou na memória, pois disse que sentiu a dor da fome. Sua mãe lhe disse que era para ser esperta, para agradecer quando o seu pai chegasse com caça e pesca e prontamente preparar a comida. A **força emocional** que permite sentir a dor da fome, não abriria espaço para a preguiça.

A **força cognitiva** é potencializada com o uso de plantas “de inteligência” que tem a propriedade de ativar os sentidos. “Minha mãe fez a defumação com xicantá (breu branco) na minha cabeça e na casa. Passou alho nas minhas pernas, me deu água de folhinha (planta) para inteligência.” (POTYRA KUEMA, 47 anos)

Ficar em jejum, pegar uma surra de caniço e não chorar ou gritar, comer pimentas ardidas e não lacrimejar, trabalhar durante a menstruação representam a força feminina Baré, em todos os aspectos. Quando perguntado à KIRIMBÁ (52 anos), sobre a sua resistência no kariamã¹⁵, a cunhã mukú esclarece:

“Comi pimentas yacitáras muito ardidas. Recebi conselho do que era certo e errado. Meus avós disseram que a partir daquele momento eu já seria uma mulher. Pintaram o meu corpo com crajirú (planta utilizada para pintar o corpo) benzido para a doença não entrar, pra ter moral, ter força, porque a pimenta dói, faz chorar. Depois da pimenta, peguei três lapadas de um caniço chamado pindaíwa, que me deixaram marcas. Assim como eu senti a dor da surra, era para não fazer os meus pais sofrerem.”

As moças que passaram pelo ritual do kaximáfo em comunidade, se alimentaram tal como suas mães, avós, ancestrais, para que tivessem equilíbrio, resistência física. Seria um jejum intermitente com um propósito espiritual.

¹⁵ O Kariamã é um ritual Baré, de apresentação das kunhãs mukús, pós – kaximáfo ao meio social indígena e envolve música, aconselhamento, dança, etc.

A experiência vivida por MURUTIO (70 anos) acrescenta mais elementos de base para a força feminina:

“Quando a minha mãe ficou sabendo do kaximáfo da minha irmã, na mesma hora sacou a sua anágua e cobriu a cabeça dela. Segundo as velhas, quando não cobre a cabeça, os urubus umunhã tiputí (fazem cocô) e a mulher quando envelhece fica com os cabelos brancos.(...) Ela teve que ficar isolada para não ver nenhum tipo de animal. Tomava só um pouquinho de caribé (mingau de beijú).Tudo isso para ela não ter preguiça de fazer farinha, beijú. Minha mãe rasgou uns trapos para ela usar e deu piripiriaca de inambú¹⁶, para a regra não demorar muito.”

Para os antigos, os cuidados com os alimentos representam a nutrição indígena que vai além de suas propriedades nutricionais e abrange o campo metafísico. A saúde da Cunhã mukú perpassa por esse campo. A concepção que os alimentos têm mãe/ dono e precisam de benzimento é naturalmente explicada quando ocorrem intolerância e efeitos alérgicos sobre o corpo.

O açoite simbólico (sem manifestação de dor) e acompanhado de conselhos dos mais velhos traz **força mental e moral**, para lembrar nos momentos difíceis. Representa as dificuldades do mundo que poderá passar. E a presença dos familiares e comunitários, neste ritual simboliza o acompanhamento da sociedade. O ritual reflete uma força moral peculiar, a consciência sobre os próprios atos.

3. CONCLUSÃO

Cabe aqui ressaltar que o processo civilizador e seus mecanismos de dominação não silenciaram os povos indígenas Baré e demais povos do alto rio Negro.

As suas manifestações culturais indígenas permanecem e o ritual da Cunhã Mukú (kaximáfo) ainda ocorre na comunidade e em contexto urbano. Cada família elege os elementos de base para a Cunhã Kirimbá¹⁷ (Força feminina): Isolamento social, o uso ecológico do paninho como absorvente, jejum ou restrição alimentar, alimentos benzidos, uso de chás, desenvolvimento das habilidades tradicionais,

¹⁶ Nome de uma ave silvestre da Amazônia.

¹⁷ Kirimbá em Nheengatú significa guerreira, forte. Representa também a palavra força.

defumação (mutatá tinga), banho com ervas, pinturas corporais, aconselhamento em todo o processo.

As breves conjecturas apresentadas neste estudo sinalizam que a garantia de uma cunhã mukú passar pelo ritual está estritamente ligada aos anciãos Baré que detêm os saberes tradicionais e participam do kaximáfo e do kariamã. Daí a importância da sociedade não indígena conhecer os diferentes processos de acompanhamento da mulher indígena na menarca e o significado sociocultural que representa a sua força feminina.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, G. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BARRETO, João Paulo Lima. **Kumuã na kahtiroti-ukuse**: uma “teoria” sobre o corpo e o conhecimento-prático dos especialistas indígenas do Alto Rio Negro, 2021. (Tese)
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Marcos Antônio Oliveira Fernandes, organização; coordenação Anne Joyce Angher. – 14 ed.. – São Paulo: Rideel, 2008.- (Coleção de leis Rideel. Série compacta).
- BRÜZZI ALVES DA SILVA, A. **A civilização indígena do Uaupés**. LAS, Roma, 1977 (1962)
- CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. **Cultura com aspas**. São Paulo: Cosac & Naify, 2009.
- DESCOLA, Philippe. **Outras naturezas, outras culturas**. São Paulo: Editora 34, 2016.
- FREIRE, José Ribamar Bessa. **Educação indígena em Terra Brasilis, tempo do novo descobrimento**. Rio de Janeiro: IBASE, 2004.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. São Paulo: LTC, 1989.
- SANTOS, M.G., and QUINTERO, M., comps. **Saberes tradicionais e locais**: reflexões etnobiológicas. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018.
- TORRES, Iraildes Caldas (Org.). **Mulheres Sateré – Mawé, a epifania de seu povo e suas práticas sociais**. Manaus, Valer, 2014.